

A DITADURA MILITAR E A CENSURA NO JORNALISMO IMPRESSO: UMA ANÁLISE DOS JORNAIS A GAZETA E POSIÇÃO¹

Jonathan Neves Amaro
Mestrando (a) do curso de Pós-Graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: jnevesamaro@gmail.com

Orientador(es): Prof^a Dr. Victor Israel Gentili
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: victor.gentili@ufes.br

RESUMO

A Ditadura Militar representou um período de cerceamento de muitos direitos no Brasil, principalmente através da censura à imprensa. Neste contexto, em contrapartida à imposição da censura, os meios de comunicação receberam grande volume de investimentos do governo, principalmente através de anúncios oficiais. O objetivo do nosso projeto é propor uma análise desses anúncios no jornal *A Gazeta* e, no presente artigo, apresentamos os resultados iniciais da revisão bibliográfica do contexto político e social da época que irá contribuir para alcançarmos os objetivos indicados no projeto de pesquisa. Para isso, além do periódico, analisaremos as publicações e, também, as edições do *Posição* para cruzar as informações e entender se havia ou não uma comodidade da *Gazeta* em aceitar a repressão e silenciar-se diante das graves violações impostas. Na metodologia, são utilizados os métodos e técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) para fazer uma seleção do corpus dos jornais entre os anos de 1976 e 1977.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Censura; Comodidade; *A Gazeta*; *Posição*

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) - PROCAP MESTRADO 2021.

INTRODUÇÃO

Em nome da segurança nacional e do combate ao comunismo, a censura se tornou um dos projetos mais bem articulados de repressão e de controle sobre as liberdades civis. Paralelo à imposição da censura, a modernização da mídia fez parte de uma estratégia ligada à ideologia da segurança nacional (ABREU, 2005). Um dos símbolos desse projeto foi a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) e o investimento em propaganda política, utilizando técnicas de comunicação em massa.

Houve um esforço no sentido de mobilizar a sociedade em torno de um projeto nacional de desenvolvimento, projeto esse que daria legitimidade ao regime em nome da racionalidade da administração e da eficácia da economia. O modelo econômico então adotado levaria o Brasil a se tornar uma grande potência mundial (ABREU, 2005, p.54).

Por meio das campanhas publicitárias e dos anúncios, o governo buscou difundir uma visão otimista através da crença de que o país, em um curto espaço de tempo, poderia integrar a categoria das nações desenvolvidas (FICO, 1997) e utilizaram massivamente os recursos financeiros para difundir suas propostas por meio de campanhas de cunho educativo ou cívico.

Ancorados nesse cenário, a nossa pesquisa pretende analisar as publicações e os anúncios oficiais do governo no jornal *A Gazeta* e, também, investigar as edições do periódico *Posição*, entre 1976 e 1977, com foco nas reportagens que pudessem, naquele contexto, atingir as autoridades ou as estruturas de sustentação do regime. Através desse levantamento documental, cruzaremos as informações dos posicionamentos favoráveis, desfavoráveis e neutros para compreender se havia ou não uma comodidade em aceitar a repressão e silenciar-se diante das graves violações impostas.

Pretendemos que essa pesquisa possibilite maior compreensão acerca da relação que o governo e os meios de comunicação mantinham durante a Ditadura Militar e ao final, esperamos responder a seguinte questão: a censura, no periódico *A Gazeta*, foi um ato imposto pela repressão ou uma ação conivente dos empresários, donos do jornal, que eram beneficiados através de financiamentos e, principalmente, publicidade dos órgãos oficiais?

Assim sendo, este estudo tem como foco essencialmente apresentar os resultados iniciais da revisão bibliográfica e traz, além de uma perspectiva histórica do período, uma discussão sobre o relacionamento dos empresários da mídia com os militares, os tipos de censura impostos e outros assuntos correlatos à pesquisa científica. São observados, também, os apontamentos metodológicos de pesquisa tanto a partir da análise bibliográfica, quanto dentro do corpus.

Com essa pesquisa em questão, a nossa finalidade é principalmente de cunho social, por expor as ações, repercussões da censura e relações de poder na imprensa escrita, mas é, também, com o intuito de fomentar os resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica desenvolvida ao longo da graduação.

DESENVOLVIMENTO

O contexto político da década de 1960 foi permeado por inúmeras crises no Brasil. A começar pela instabilidade na política que resultou, nos cinco primeiros anos, na soma de três presidentes. O primeiro, Jânio Quadros, eleito por voto direto e com a votação expressiva de 48% dos votos da população, foi levado à renúncia; o segundo, João Goulart, foi deposto pelos militares, devido, em grande parte, às suas reformas de base e sua associação aos comunistas; e o terceiro, Humberto Castelo Branco, chegou à presidência através de um movimento revolucionário com apoio, principalmente, dos militares, dos meios de comunicação e da elite nacional, que resultou na Ditadura Militar declarada em 31 de março de 1964 (MAZZEI, 2019, p. 17).

Segundo Smith (2000) e Gaspari (2002), nesse momento, multiplicaram-se os órgãos de vigilância e repressão e abriu-se uma era de prisões, torturas, perseguições e cerceamento à liberdade de expressão.

Cabe destacar que, segundo Aquino (1999), havia dois tipos de censura: a política e a empresarial. A primeira é inerente ao modelo socioeconômico capitalista e se manifesta nos interesses dos proprietários dos órgãos, bem como dos anunciantes. “Esse tipo de censura, entretanto, independe do contexto histórico, sendo inerente à estrutura de uma grande empresa capitalista, obrigada a fazer concessões e a ceder a pressões”, (AQUINO, 1999, p. 222).

Com histórico de envolvimento político e de linha mais conservadora, *A Gazeta* se

tornou, nos tempos de ditadura, uma das principais interlocutoras da elite intelectual do estado e foi tema de uma pesquisa coordenada pelo professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), José Martinuzzo (2005), que resultou no livro "Impressões Capixabas: 154 anos de jornalismo no Espírito Santo".

Também objeto da nossa pesquisa, o jornal *Posição* surgiu em 1976, após uma onda de indignação do jornalismo brasileiro, com a morte do jornalista Vladimir Herzog (1937-1975). Foi um expoente na luta contra a repressão, a censura e entrou para a história como um importante jornal alternativo, dando visibilidade aos fatos que os jornais tradicionais não noticiavam.

Nesse sentido, a nossa intenção é demonstrar que, com objetivo de garantir a segurança nacional e preservar o seu discurso autoritário, a censura à imprensa: (i) revela que a atividade jornalística foi alvo constante da preocupação dos militares, (ii) desempenhou uma função importante numa tentativa almejada pelo regime de legitimar-se junto a sociedade; e (iii) se, por um lado, os militares interferiram no conteúdo da informação, por outro, passaram a garantir a mídia grande massa de recursos, mediante financiamento e publicidade oficial, que beneficiaram os proprietários dos jornais.

Martinuzzo (2005) observa que, nesse período, o jornal *A Gazeta* se consolidou como um dos principais interlocutores da elite política e intelectual do Estado e sofreu forte pressão com a censura que estava em toda parte e se expressava, principalmente, pelo próprio jornalista que, fazia uma autocensura e já preparava o seu texto sob medida.

Esse processo era reflexo do temor imposto pelo regime e aos interesses hierárquicos do jornal. Conforme revela Martinuzzo (2005), *A Gazeta* pertencia à família Lindenberg desde meados da década de 1940, quando foi adquirida pelo grupo político do ex-governador e ex-senador Carlos Lindenberg. " Ou seja, é fácil concluir que a política e a economia sempre estiveram em destaque" (p.52).

Com base nos conceitos propostos por Orlandi (2007), buscamos analisar o que acreditamos se configurar como um silenciamento político nas publicações da *A Gazeta*, mobilizando assim, conceitos acerca da política do silêncio, a qual a autora divide em constitutivo e local.

Entre os assuntos vetados e proibidos de serem noticiados, estavam: corrupção no governo, greves, crises políticas, protestos estudantis, condições de vida dos cidadãos etc. No lugar do material censurado, eram publicadas receitas, anúncios e poesias (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 130).

A proposta metodológica constitui-se em uma pesquisa com base nos métodos e técnicas da Análise de Conteúdo, com base nas recomendações da socióloga francesa, Laurence Bardin (2011), que propõe uma exploração do objeto, seguida do tratamento e interpretação dos dados que possibilita a compreensão das condições de produção e de recepção das mensagens (p. 123-172).

Na fase pré-análise, faremos uma triagem das edições e das publicações dos periódicos. Em seguida, uma leitura minuciosa, objetiva e sistemática a partir de critérios pré-estabelecidos utilizando os métodos quantitativos e qualitativos (BARDIN, 2011) para compreender se havia uma comodidade ou não para o jornal em silenciar-se e, assim, responder aos objetivos e questões levantadas nesta pesquisa.

No que diz respeito à investigação do posicionamento e o espaço dado (ou não) sobre o cerceamento de direitos impostos pelo regime, nós utilizamos os procedimentos teóricos-metodológicos propostos por Orlandi (1999) no que diz respeito ao discurso.

RESULTADOS

Estudar o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), através das relações com o jornalismo, permite compreender a complexidade do papel que a grande mídia desempenhou na construção de uma visão política pelos mesmos olhos do regime, oficial e "verdadeira", cujos reflexos ainda repercutem na sociedade.

Dentro desse contexto, segundo Abreu (2005), havia um projeto de modernização do regime e os empresários da mídia eram beneficiados pelos projetos dos militares.

Foram concedidos financiamentos para a construção de novos prédios, agora necessários para abrigar novas máquinas e permitir a expansão das redações. A publicidade dos órgãos oficiais também beneficiou largamente a mídia — basta lembrar que em torno de 30% das receitas dos jornais eram obtidas dos clientes oficiais, o que significava uma dependência econômica considerável do Estado. As concessões de estações de rádio e de televisão muito beneficiaram os empresários da mídia. (ABREU, 2005, p.54)

Ainda dentro desse projeto, os empresários, donos dos meios de comunicação, foram beneficiados com financiamentos e cerca de 30% das receitas eram obtidas através dos anúncios de propaganda oficiais do governo, o que significava uma dependência econômica considerável do Estado, conforme aponta Abreu (2005).

Conforme descreve Abreu (2005), até os anos 1970, as empresas jornalísticas eram controladas por seu proprietário (ou por sua família), o que lhe dava a possibilidade de total domínio sobre a orientação política do noticiário. Como registramos anteriormente, o jornal *A Gazeta* pertencia à família Lindenberg desde meados da década de 1940, quando foi adquirida pelo grupo político do ex-governador e ex-senador Carlos Lindenberg.

Não deixa de ser interessante entender a ideia que se é feita sobre a falta de liberdade da imprensa - ou dos atentados contra ela. Paira no ar uma visão de que a censura foi uma imposição dos militares, submetida ao controle dos censores. No entanto, conforme Aquino (1999), além da censura política, exercida pelo Estado, há também a empresarial que, independente do contexto histórico, ocorre internamente aos veículos, partindo da linha editorial ou das redações.

Outro ponto a destacar é que, como empresa comercial, a mídia atuou de acordo com as regras do mercado e com a lógica do capitalismo, em busca do lucro. Sendo assim, muitos empresários se submeteram à censura devido a dependência econômica que tinham do Estado com os financiamentos para custear a construção de prédios e expansão das redações.

Martinuzzo (2005), inclusive, falou sobre as mudanças, em 1983, da *Gazeta*: "A mudança física da empresa foi acompanhada por nova modernização do parque gráfico, com a compra da rotativa Harris/845, com capacidade de impressão de 60 mil exemplares por hora" (p. 59).

Dentro desse contexto, segundo Gonçalves e Alicio (2014), em seu estudo sobre o *Posição* ele "falava do povo e para o povo, ressaltando a força dos movimentos em suas páginas, isto resultava na inviabilidade de atração de anunciantes" (p. 7).

Sobre o jornal, Martinuzzo (2005, p. 81) fala da sua condição de imprensa alternativa:

O principal exemplo dentro do jornalismo capixaba é, certamente, o *Posição*. [...] Apesar de sua curta duração, foi extremamente representativo para a luta social contra o regime, sendo, seguramente, o marco principal de resistência da imprensa capixaba à repressão dos militares.

Abreu (2005, p. 61) relata a forma como a mídia é percebida pela maioria dos cientistas sociais destacando que, nessa explicação, a mídia parece ser vista como uma simples ferramenta reprodutora de um discurso proveniente de instituições ou atores, sem dar conta do papel que a comunicação desempenha no processo político.

Sem dúvidas, conforme Aquino (1999) e Abreu (2005), vivíamos um momento de controle de tudo que era veiculado, seja na imprensa ou em outros meios de comunicação, mas apesar desse cerceamento imposto, o novo regime necessitava da mídia para sua propaganda oficial.

Os meios de comunicação tinham uma importância essencial para o regime como instrumento de legitimação e dependentes dos investimentos em publicidade, os proprietários se submeteram à censura devido à dependência econômica que tinham do Estado, assim, “a imprensa se viu em um padrão coletivo de paralisação e consentimento” (MAZZEI, 2019, p.31).

Outro ponto a ser ressaltado é que não se formaram alianças entre os vários proprietários da mídia e nem entre os jornalistas. "Em vez de aliar-se para enfrentar o regime, membros da imprensa com frequência se ocupavam em atacar-se e criticar-se mutuamente" (SMITH, 2000, p. 170-171).

Mazzei (2019, p.35) conta que a ameaça de retirar a publicidade oficial como forma de pressionar veículos tidos como subversivos foi uma prática bastante comum com o intuito de exercer controle não somente econômico, mas também editorial sob o jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa espiritosantense, assim como a de todo o país, estava amordaçada durante a ditadura militar e, apesar dessa prática ter sido amplamente documentada, tanto em âmbito nacional, quanto regional, acreditamos ainda ser um campo de conhecimento inexplorado, quando se trata sobre o objetivo geral desta pesquisa, que requer uma investigação sistemática e metodológica para esclarecer essa lacuna da história da imprensa capixaba que até hoje é rodeada de zonas de silêncio e interdições.

A censura revela-se não só como uma prática imposta por fatores econômicos e

políticos, mas também no âmbito privado e, nessa linha, observa-se a importância de continuar esse estudo – tanto a partir da análise bibliográfica, quanto dentro do corpus e da ampliação de outros temas em publicações.

De todo modo, constata-se a pertinência em observar as relações entre os meios de comunicação com a Ditadura Militar, não só como agentes em uma função subordinada, mas como um meio que influencia, mobiliza e constrói discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de. **A mídia na transição democrática brasileira**. Sociologia, problemas e práticas, n. 48, p. 53-65, 2005.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALVES, Siumara de Freitas; ALICIO, Ylana Mesquita dos Santos. **‘Posição’: ‘Um jornal que depende do leitor’**. Observatório da Imprensa. Ed. 800, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/category/diretorio-academico/>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa** – São Paulo: Scritdad, 1991.

MARTINUZZO, José Antonio. (Org.) **Impressões Capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo. Vitória, 2005.

MAZZEI, V. R. ; FRANCO, S.P. . **Entre a censura e a publicidade oficial: as estratégias do jornal O Diário durante os Anos de Chumbo (1968-1974)**. COMUNICAÇÃO: REFLEXÕES, EXPERIÊNCIAS, ENSINO , v. 15, p. 55-72, 2019.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio.- no movimento dos sentidos**. Campinas, S. R: Editora da Unicamp, 1995.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SMITH, Anne Marie. **Um acordo forçado: o consentimento da imprensa à censura no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2000